

PRODUTORES E FORNECEDORES DE SEGURANÇA: UM ENSAIO CONCEITUAL

Silviu Petre¹
Ella Ciuperca²

Introdução

Dizer que todos os Estados buscam seu interesse nacional tem se tornado um truísmo. Mesmo assim é difícil definir racionalmente este interesse, a fim de levar em consideração também a vontade da maioria ou os recursos e a posição geográfica. Os Estados médios e também os Estados em desenvolvimento e aqueles cujo status internacional se elevou recentemente tem que resolver um dilema singular: enquanto um país pequeno deseja manter primeiramente sua independência e um país grande possuir uma esfera de influência tão extensa quanto possível, um ator intermediário tem como obrigação mover-se cautelosamente meio às exigências da diplomacia mundial.

Tal demanda não pode se tornar se esses poderes médios não possuírem uma direção a seguir. Na ausência de um marco metodológico, as elites dessas nações médias arriscam subestimar o potencial que possuem ou superestima-lo com consequências pouco positivas. Um exemplo recente é o caso da Geórgia. Com território liliputiano localizado nas vizinhanças da Federação Russa, a Geórgia procurou aproveitar o clima de expansão da OTAN. Seu conjunto de 2000 soldados no Iraque (o terceiro contingente após os Estados Unidos e o Reino Unido!) trouxe à diplomacia de Tblisi a esperança de tornar-se membro da Aliança. Contudo, tais intenções foram consideradas inaceitáveis pelo Kremlin, determinando uma intervenção no verão de 2008, um lembrete de que a Rússia valoriza grandemente a antiga esfera soviética³.

¹ PhD, Escola Nacional de Ciência Política e Administração Pública (*SNSPA: The National School of Political Science and Public Administration*) (Romênia). E-mail: silviugeopolitic@yahoo.com

² PhD, Faculdade de Sociologia, Universidade de Bucareste.

³ Para mais análises sobre as políticas de Saakashvili entre o Ocidente e a Rússia: Karon, Tony. What Israel Lost in the Georgia War, *Time*, Aug. 13, 2008; Filipescu, Nicolae. Consecintele

O presente artigo argumenta que um desenho prudente do interesse nacional puro deve considerar os atores políticos como parte da divisão internacional do trabalho no campo securitário. Como consequência, os autores propõem definir e operacionalizar cinco conceitos, que são: produtores; intercessores e mediadores; consumidores e periféricos securitários. Cada termo será explicado em seu devido tempo.

A partir de uma perspectiva teórica, este estudo usará uma versão modificada da teoria do sistema mundo desenvolvida por Immanuel Wallerstein ilustrando sua superioridade em relação à Escola de Copenhagen.

Portanto, nosso artigo defenderá **duas premissas**:

1. As noções de produtor, fornecedor, mediador, consumidor e periférico no campo securitário são relacionais; elas pressupõem a existência de um contato regular entre pelo menos dois Estados;

2. Noções de produtor de segurança, fornecedor e consumidor devem especificar a qual tipo de segurança se faz referência (política, militar, social, econômica, ambiental).

Estado da Arte

O nascimento dos estudos sobre segurança como um subtópico da história militar foi marcado por condições específicas do fim da Guerra Fria, quando a confrontação direta foi substituída por outros temas na agenda pública. Embora os historiadores da área acreditem que os anos dourados dos estudos de segurança foram as décadas de 1950 e 1960 (apud Dungaciu 2012), a especificidade daquele período foi tributada à esfera da segurança pesada, focando primeiramente na guerra e desarmamento nuclear.

Esse período marcou também o distanciamento entre os estudos científicos clássicos e o campo das relações internacionais em sua busca por autonomia. Nós podemos falar de um processo de legitimidade mútua entre teoria e prática. O confronto bipolar impôs a dimensão estatal no centro das preocupações científicas, e o último encontrou suas razões para estudar a dimensão política da segurança, sua habilidade de garantir soberania. Após este ponto concluiu-se que todos os Estados são iguais, possuindo a obrigação de controlar suas próprias fronteiras e populações. Entretanto, sendo considerados como iguais, há várias diferenças que precisam ser levadas em considera-

razboiului din Georgia, Revista 22, 02 12 2008; Larsen, Henrik Boesen Lindbo. The Russo-Georgian War and Beyond: towards a European Great Power Concert, Danish Institute for International Studies-DIIS, DIIS Working Paper 2009: 32; Radnitz, Scott. The Lobby Hobby: How Small Countries Buy Respect Abroad, Ponars Eurasia, Policy Memo: 308, 02-2014.

ção. Segundo Kenneth Waltz:

Embora os Estados sejam unidades funcionais similares, eles diferem em grande medida nas suas capacidades. Com essas diferenças emerge algo como a divisão do trabalho (..) A divisão do trabalho entre as nações é, entretanto, insignificante, comparada ao processo extremamente articulado da divisão do trabalho interna. (..) Embora seja discutido a integração das nações, esta raramente acontece. Nações poderiam enriquecer umas às outras, dividindo não só o trabalho como a produção de bens envolvidas, mas também algumas de suas outras funções, como a liderança política ou defesa. Por que não se pode construir sua integração? A estrutura do sistema político internacional impõe limites à cooperação de seus membros... (Waltz 2006, p. 150)

Este julgamento foi considerado pelos neorrealistas (que tem Waltz como seu fundador), que a dimensão ambiental pode ser equilibrada pelo status de consumidor securitário na esfera militar; por exemplo o caso do Japão. Uma perspectiva desigual sobre os Estados pertence às teorias críticas, muitas desenvolvidas sob o signo do Marxismo ou sob versões melhoradas deste. As teorias críticas percebem coisas ao invés de relações, o mapa político do mundo sendo organizado pela hierarquia do poder unindo o mundo desenvolvido com o subdesenvolvido independente de suas fronteiras políticas oficiais.

Dois autores tornaram-se predominantes: Johan Galtung e Immanuel Wallerstein.

O norueguês Johan Galtung (nascido em 1930) condensou seu trabalho no Instituto PRIO e na Universidade de TRANSCEND (Whitehead 2013, Almeida 2017)⁴. Embora tenha como primeira profissão a de médico, Galtung desenvolveu um arcabouço filosófico impressionante, descrevendo o conflito e a paz não como estados opostos, como tipos 0 e 1, mas sim como um contínuo com graduações. Para Galtung, a paz é mais do que a ausência de batalhas, representado a situação nas quais os seres humanos encontram-se libertos da discriminação, da pobreza, da dívida financeira e do estresse (Galtung 1969; 2013).

As ideias de Galtung abriram espaço para toda uma literatura sobre estudos de paz, sendo também incorporadas na linguagem das Nações Unidas e nos documentos da organização, tais como na agenda de Boutros-Boutros Ghali para a paz na década de 1990. Na teoria estrutural do imperialismo no começo dos anos 1970, Galtung define imperialismo como a relação de

⁴ Instituto Galtung para a Paz Teórica e Paz Prática, <https://www.galtung-institut.de/en/home/johan-galtung/>

dominação entre duas comunidades, uma central e outra periférica (Galtung 1971). Um ponto de vista similar é encontrado na doutrina de Immanuel Wallerstein que examinaremos abaixo, sendo muito útil para a diferenciação que havíamos proposto neste artigo.

Concluindo, podemos dizer que o conceito de segurança está atualmente sendo abordado de forma fértil, oferecendo um guarda-chuva conceitual maior do que o da defesa, o que permite diversos especialistas de várias ciências a contribuir para moldar e conceitualizar o campo. Infelizmente, com a abertura da esfera de significados, o novo termo é também vago, expondo incerteza ou formulações contraditórias de uma perspectiva lógica. O diagnóstico não deve induzir ao pessimismo, mas pelo contrário, fortalece o ímpeto de unir mais uma vez a preocupação sobre o internacional com a sociologia e a grande família das ciências sociais⁵.

Metodologia

A partir de uma perspectiva teórica, nossa tentativa de delimitar os conceitos de produtor e consumidor securitário usará primeiramente a teoria do sistema mundo de Immanuel Wallerstein, ilustrando suas vantagens comparadas com a perspectiva da Escola de Copenhague.

Nossa escolha respeita o princípio metodológico de encaixe entre a teoria e o estudo de caso ou o universo empírico no qual será aplicado, de modo que é possível alcançar resultados que satisfaçam o princípio popperiano de falseabilidade.

É verdade, que para não se arriscar em um território perigoso, caminhos conhecidos são muitas vezes preferidos, de forma que os modelos explicativos já consagrados são usados em situações que não requerem muitos esforços. Nas relações internacionais, nós encontramos tal conveniência metodológica:

5 Leituras adicionais sobre as relações internacionais e a sociologia: Justin Rosenberg, *The International Imagination: IR Theory and 'Classic Social Analysis'*, *Millennium: Journal of International Studies*, 1994, Vol.23, No.1, pp.85-108.; Mathias Albert and Barry Buzan, *International Relations Theory and the "Social Whole": Encounters and Gaps Between IR and Sociology*, *International Political Sociology* (2013) 7, 117-135; Mathias Albert, Barry Buzan, Michael Zürn (ed), *Bringing Sociology to International Relations: World Politics as Differentiation Theory*, Cambridge University Press, Cambridge, 2013; Besnik P. and Yannis A. Stivachtis, *Historical Sociology and International Relations: Interdisciplinary Approaches to Large-Scale Historical Change and Global Order*, *International Studies*, Nov 2017, <http://internationalstudies.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190846626.001.0001/acrefore-9780190846626-e-90>; DOI: 10.1093/acrefore/9780190846626.013.90

-Se você quer estudar a balança de poder, você utiliza a matriz neorealista;

- A Interdependência está associada ao liberalismo institucional;

-A identidade é lida somente a partir da perspectiva construtivista, considerada a melhor para este tipo de abordagem.

A verdadeira questão surge quando o pesquisador tenta proceder de forma pouco convencional, usando a teoria para além da sua zona de conforto. Devemos estar atentos para o que podemos retirar do aparato crítico com o qual trabalhamos.

Atentos para estes riscos, propomos combinar diversas teorias e escolas de pensamento, enquanto mantemos a primazia da teoria do sistema mundo a qual conectaremos com as ideias da Escola de Copenhague, mas também com outros conceitos de origem econômica, como negociante, produtor, consumidor, lucro, entre outros.

Obviamente, a abordagem que propomos não é completamente nova. Insatisfeitos com os estudos sobre as relações internacionais através das lentes de um único paradigma, Rudra Sil e Peter J. Katzenstein propuseram um ecletismo analítico, em um esforço para:

completar, engajar e seletivamente usar nos constructos teóricos já existentes em tradições de pesquisa reconhecidas de modo a desenvolver argumentos complexos que sustentam temas de interesses substantivos para ambos os pesquisadores e especialistas.(Sil & Katzenstein 2010b, pp. 411-431)

Portanto, o ecletismo analítico não significa uma nova teoria, outro “-ismo”, mas sim um método que une teorias para resolver um mesmo problema. Preocupados com os mesmos dilemas, Ali Mazrui e Samuel Makinda trabalhado com o ecletismo analítico definido como: (...) um processo através do qual teóricos constroem esquemas analíticos coerentes por meio de avaliação, sintetização e reflexão em ideias de diferentes” (Makinda 200, pp. 205-216)

Certamente, é necessário que esta jornada seja guiada pela observação de Sil e Katzenstein que nos alertam para duas tentações: 1) acreditar que ecletismo significa uma nova síntese; 2) que qualquer coisa pode ser unida uma com a outra (por exemplo, escolas de pensamento pode ser combinadas sem considerar suas possíveis contradições e discrepâncias) (Sil & Katzenstein 2010a, pp. 14-17) .

Uma Aplicação da Teoria do Sistema-Mundo

A escolha pela teoria do sistema mundo como o principal guia metodológico e conceitual desta abordagem é baseada na preocupação que os autores tinham para compreender as relações internacionais de uma perspectiva da hipótese do status desigual dos Estados.

Determinando a esfera conceitual das noções de produtor vs. consumidor securitário somente é possível considerando a esfera econômica da qual derivam. É por isso que acreditamos que abordar a segurança em conjunto com a esfera econômica, estaremos mais aptos a construir conclusões válidas para as questões formuladas.

Diferente de outras explicações tradicionais que operam uma clara distinção entre o político, econômico e social, a sociológica Escola de Annales da qual Braudel e Wallerstein fazem parte, considera essas três dimensões como condicionadas mutuamente.

A hipótese Braudel-Wallerstein propõe uma perspectiva explicativa histórico-geográfica para o desenvolvimento do capitalismo. Deste ponto de vista, o capitalismo desenvolveu-se na Europa Ocidental e expandiu-se em círculos concêntricos até abranger todo o mundo. Este desenvolvimento mostrou-se desigual, hierárquico, tendo no centro o país mais rico, cercado pela semi-periferia, e no círculo mais distante, os mais necessitados:

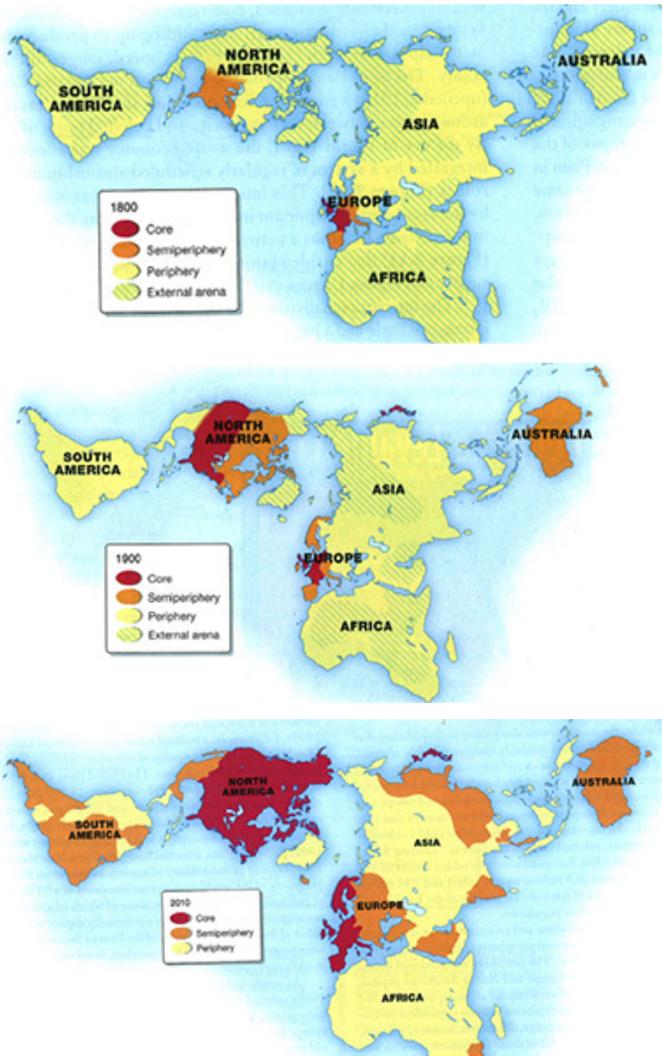
Não existe uma economia universal sem um espaço para si, significativo de diversos pontos de vista. Esta envolve um centro, para o benefício de uma cidade ou de um capitalismo dominante, qual seja sua forma. A multiplicação dos centros é tanto uma forma de juventude, ou uma forma imperfeita ou mutável...; este espaço é uma soma das economias locais, algumas sendo pobres, outras modestas, e somente uma no centro, sendo relativamente rica. Desigualdades e diferenças potenciais seguem daqui e garantem a operação do conjunto. (Braudel 1989, p.19)

Qualquer economia universal é um ninho, uma justaposição de áreas conectadas, mas em diferentes níveis. Na superfície, são desenhadas ao menos três “áreas”, três categorias: um centro limitado, regiões de importância secundária as quais são bastante desenvolvidas e, para concluir, enormes áreas marginais. [...] O centro, o coração” une tudo o que é avançado e diversificado. O próximo círculo possui apenas uma dessas vantagens, embora participem nelas: essa é a área de “clareza de segundo grau”. A periferia vasta e esparsamente populosa representa, pelo contrário, o antigo, o subdesenvolvimento e a fácil exploração humana. Essa geografia discriminatória alcança em sua competição e explica a história geral do

mundo embora de tempos em tempos, através de convivência, está criando sua própria corrida. (Braudel 1989, p.37)

As representações gráficas da teoria podem ser vistas abaixo:

Centro, Semi-periferia e periferia: 1800, 1900, 2010:



Fonte: O Mapa Gráfico do Projeto Fuller apud Melissa Y. Rock, Economic Development and Globalization, Universidade do Estado da Pensilvânia, <https://www.e-education.psu.edu/geog128/node/700>

O modelo Braudel-Wallerstein enfatiza as dinâmicas contínuas do capitalismo, criada pela crescente acumulação de capital. Consequentemente, o centro do sistema mantém sua primazia, produzindo os mais sofisticados artigos que são importados para o resto das unidades do sistema, ex. as outras economias nacionais. O centro também impõe a divisão internacional do trabalho, portanto a semi-periferia e a periferia são alocadas para aquelas atividades consideradas não lucrativas pelas economias centrais. Mas essa hierarquia é dinâmica porque não está presa no tempo: Estados centrais podem cair, e tornarem-se semi-periferia ou até mesmo periferia, como os esquemas acima ilustram.

O conceito de Estado semi-periférico tem sido reformulado por outros autores, especialmente após 1990-2000, quando a importância das superpotências abriu espaço para análises relacionadas a potências regionais, pivôs geoestratégicos, nações emergentes e suas alianças.

Um companheiro geracional de Wallerstein, o italiano Giovanni Arighi (1937-2009) define os Estados semi-periféricos de acordo com suas contribuições para o capital mundial, em particular para corporações transnacionais (CTN). Arrighi conclui que as áreas centrais são notáveis por abrigar estruturas de manutenção das CTN, enquanto as áreas periféricas contêm principalmente mecanismos executivos e a semi-periferia pode conter elementos intermediários de uma corporação (como diretores regionais).

Visando oferecer uma base quantitativa para a ideia original de Wallerstein, as três regiões hierárquicas são definidas de acordo com o PIB per capita, como tem sido calculado pelo Banco Mundial no começo dos anos 1980:

Categoria	PIB/capita 1981 (dólares)	Número de Estados	Porcentagem da população mundial
I	Menos de 800	50	58
I/II	800-1.500	19	5
II	1.500-4.500	31	20
II/III	4.500-9.000	10	3
III	Mais de 9.000	19	14

Fonte: Giovanni Arighi (ed), *Semi-peripheral development. The politics of Southern Europe in the twentieth century*, Sage, Londres e Nova Délhi, 1990, p.246.

Os Estados utilizados para ilustrar a teoria são: Portugal, Espanha, Itália, Grécia e Turquia, os quais tiveram ciclos de democracia/ditadura política, associada com recessão/crescimento no plano econômico. Em outro trabalho, Arrighi em conjunto com Jessica Dranghel lista três características dos Estados semi-periféricos:

- a) exportam produtos diversos;
- b) os níveis de renda são muito diferentes (em outras palavras, grandes desigualdades financeiras);
- c) suas políticas comerciais para o ambiente internacional também são muito diversas (Ruvalcaba 2011, p.146) .

O papel das unidades semi-periféricas é, para José Ricardo Martins, um de amortecedor, de forma a absorver pressões que poderiam colocar em perigo o núcleo duro do sistema:

Uma semi-periferia não possui um efeito residual, mas isso não parece ser um fenômeno embaraçoso. Pelo contrário, é possível usar o mesmo tipo de serviço como um choque, que reflete o mesmo problema da periferia para as diretrizes do centro. Países como México, Brasil, África do Sul e China possuem estas funções de “amortecedores” em relação à periferia (Martins, 2015).

Em seus últimos escritos, Wallerstein adicionou o componente geográfico à radiografia econômica para descrever o sistema internacional. Isto chama nossa atenção para o fato de que a rivalidade inter-estatal deve ser lida em dois eixos: entre as grandes potências e também entre o forte e o fraco:

Tais Estados são rivais por definição, possuindo responsabilidade por diferentes empresas rivais. Mas assim como na competição entre grandes empresas, a competição entre Estados fortes é caracterizada por uma contradição. Enquanto um é contra outro em uma suposta forma de jogo de soma-zero, eles possuem um interesse comum em unir o sistema interestatal, e o sistema de Estados modernos como um todo. Então os autores são colocados simultaneamente em direções opostas: em direção a um sistema arcaico e em direção a um sistema interestatal coerente e ordenado. (Wallerstein 2004, p. 56)

Estados semi-periféricos tornam-se úteis para aqueles localizados no centro como um amortecedor em frente a um potencial ressentimento do terceiro mundo (periferia): “...de forma que eles operam em espaços impopulares na contenção de pressões advindas da periferia em direção ao centro”

(Ruvalcaba 2011, p.153).

De acordo com Christopher Chase-Dunn, a característica das unidades semi-periféricas é o governo fraco indicado por a) pouca capacidade de penetração na sociedade, b) habilidade modesta de coletar impostos e c) corrupção. Também, nestes casos, as políticas de desenvolvimento partem de cima, numa direção topo-base (Ruvalcaba 2011, pp.147-148) .

Além disso, atores semi-periféricos podem agir para “despolarizar a hierarquia centro-periferia” pelo fato da desigualdade não ser tão sentida a ponto de se tornar uma causa para conflitos. Ainda estes espaços são o palco onde grandes revoluções dos mais explosivos movimentos sociais estão acontecendo (nota-se a Primavera Árabe que começou nos Estados norte-afrikanos, relativamente próximos à União Europeia, e não na África sub-Saariana) (Chase-Dunn 2011)⁶.

Wallerstein considera que esses movimentos antisistêmicos ocorrem quando o amortecimento não mais funciona⁷. Uma vez que chegamos aqui, podemos abrir um parêntese e podemos pensar em outra conexão entre o campo das relações internacionais e da sociologia: a teoria da privação relativa, um ferramenta muito útil para explicar o amplo movimento de massas que possuem consequências geopolíticas, como é a situação do Oriente Médio e norte da África desde 2011 (Anderson 2011, Bassinger et al 2012, Idris 2016, Farooq, Saiqa & Ahmed 2017).

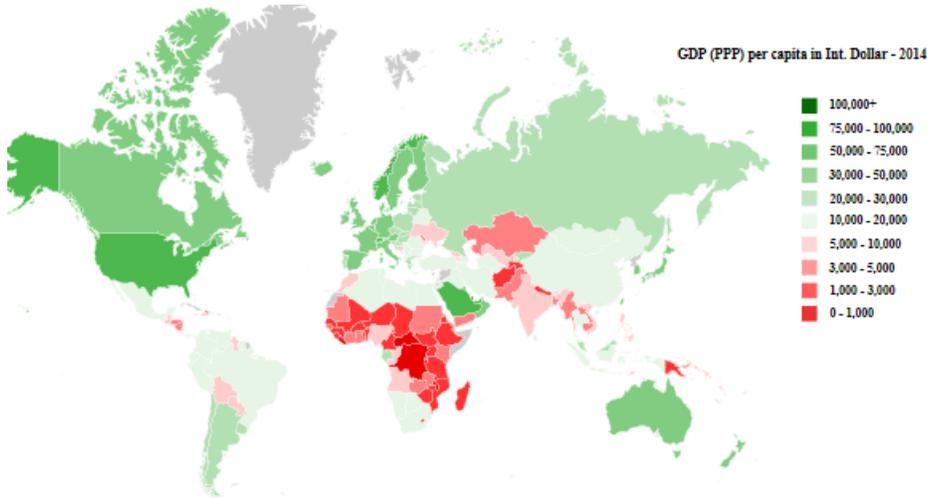
Em nossa pesquisa consideramos que o PIB pode ser um bom indicador do grau de desenvolvimento de uma nação. Sem ser uma ferramenta analítica perfeita, este pode prover informações sobre outros indicadores como: igualdade de renda, estratificação social, mortalidade infantil e expectativa de vida, corrupção e inovação (Bai et al. 2014, Correa & Jaffe 2015, Farzanegan 2017).

O outro motivo para a escolha do PIB como critério classificatório dos países é considerar a leitura criativa da teoria de sistema mundo, como temos suposto desde o começo. Immanuel Wallerstein não oferece indicadores em seus trabalhos para a inclusão de um ator político em qualquer destas três categorias (centro, semi-periferia, periferia). O autor não distingue entre grande potência ou país rico, percebendo qualquer país rico como necessariamente um país imperialista explorador.

6 Veja também: Valentine M. Moghadam, The Semi-Periphery, World Revolution, and the Arab Spring: Reflections on Tunisia, *Journal of World-System Research* | Vol. 23 Issue 2, pp.616-636

7 Em uma troca de e-mails com Silviu Petre (no dia 20 de Março de 2011), Immanuel Wallerstein considera que a Primavera Árabe é a expressão de outro movimento antisistêmico contra o centro, similar àquele de 1968.

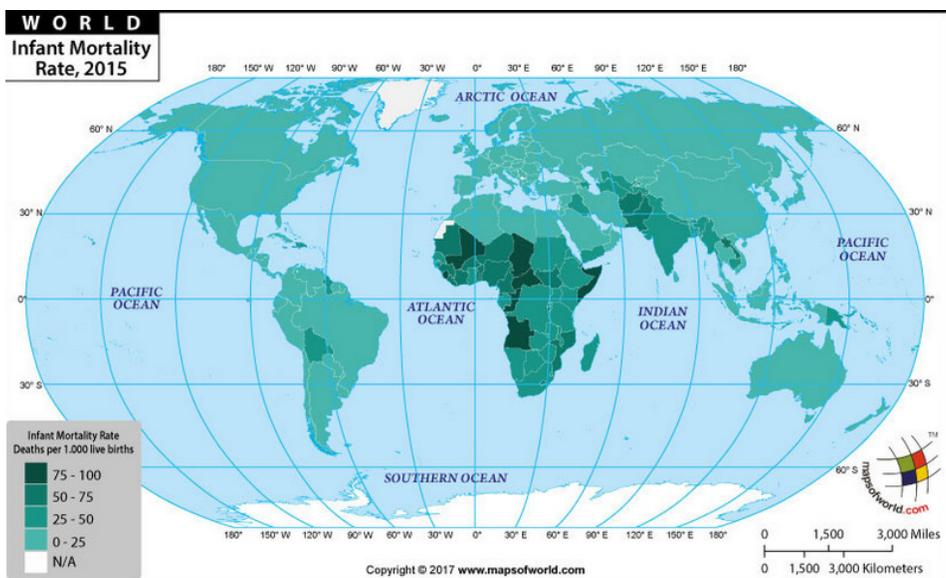
O mapa e a tabela abaixo sobre a classificação do mundo de acordo com o PIB:



Nº.	País	PIB 2013	PIB 2014	V a r i a ç ã o Anual	Continente
1	Catar	145.538,6	143.427,0	-2.111,6	Ásia
2	Luxemburgo	90.298,2	92.048,5	1.750,4	Europa
3	Singapura	80.295,2	82.762,1	2.467,0	Ásia
4	Brunei Darussalam	73.823,1	73.233,0	-590,1	Ásia
5	Kuwait	71.028,7	71.020,3	-8,4	Ásia
6	Noruega	65.295,2	66.937,5	1.642,3	Europa
7	Emirados Árabes Unidos	63.180,8	64.478,7	1.297,8	Ásia
8	São Marino	60.358,2	60.664,3	306,1	Europa
9	Suíça	56.839,3	58.087,2	1.247,9	Europa
10	Hong Kong	53.022,8	54.722,1	1.699,3	Ásia
11	Estados Unidos	52.939,1	54.596,7	1.657,6	América do Norte

12	Arábia Saudita	50.934,0	52.183,4	1.249,4	Ásia
13	Bahrein	49.633,0	51.713,7	2.080,7	Ásia
14	Irlanda	46.441,3	49.194,8	2.753,5	Europa
15	Holanda	46.434,5	47.354,5	920,0	Europa
16	Austrália	45.093,5	46.433,3	1.339,8	Oceania
17	Áustria	45.788,8	46.420,1	631,4	Europa
18	Suécia	44.849,3	45.986,4	1.137,0	Europa

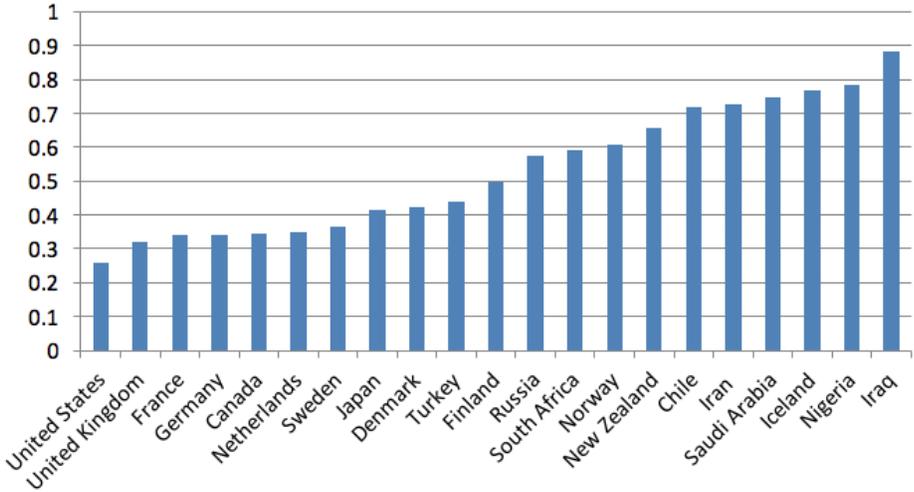
Fonte: Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional, abril de 2015.



A tabela acima é altamente consistente com o índice global de mortalidade:

Fonte: Mapas do Mundo apud Banco Mundial, <https://www.mapsofworld.com/thematic-maps/infant-mortality-rate-map.html>

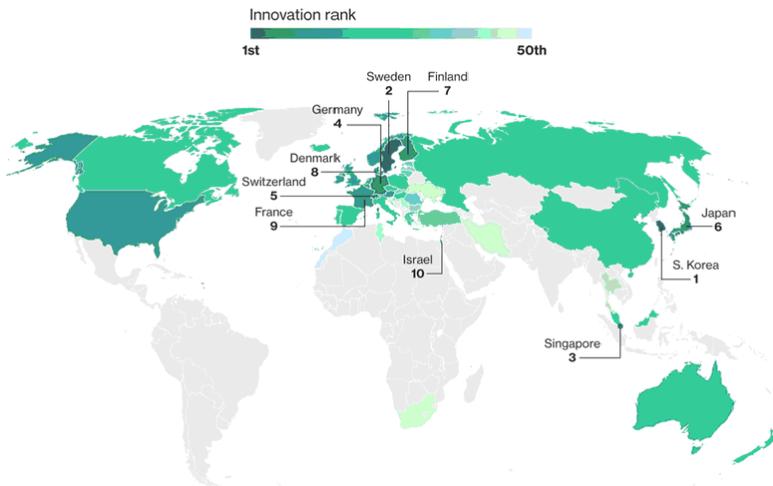
E com o índice Herfindahl-Hirschman, o qual é usado para medir a diversidade de bens exportados:



Fonte: Thorvaldur Gylfason, Per Wijkman, Double diversification, Portal de Política do VOX- CEPR, 6 de Fevereiro de 2017

E o índice de inovação:

Os Primeiros Dez Centros de Inovação



Sources: Bloomberg, International Labour Organization, International Monetary Fund, World Bank, Organization for Economic Co-operation and Development, World Intellectual Property Organization

Bloomberg

Fonte: Michelle Jamrisco e Wei Lu , The U.S. Drops Out of the Top 10 em Innovation Ranking, Bloomberg, 23 de Janeiro de 2018.

Bloomberg 2018 Innovation Index

2018 rank	2017 rank	YoY change	Economy	Total score	R&D intensity	Manufacturing value-added	Productivity	High-tech density	Tertiary efficiency	Researcher concentration	Patent activity
1	1	0	S. Korea	89.28	2	2	21	4	3	4	1
2	2	0	Sweden	84.70	4	11	5	7	18	5	8
3	6	+3	Singapore	83.05	15	5	12	21	1	7	12
4	3	-1	Germany	82.53	9	4	17	3	28	19	7
5	4	-1	Switzerland	82.34	7	7	8	9	11	17	17
6	7	+1	Japan	81.91	3	6	24	8	34	10	3
7	5	-2	Finland	81.46	8	16	10	13	19	6	4
8	8	0	Denmark	81.28	6	15	11	15	26	2	10
9	11	+2	France	80.75	12	35	14	2	10	21	9
10	10	0	Israel	80.64	1	27	9	5	41	1	19
11	9	-2	U.S.	80.42	10	23	6	1	42	20	2
12	12	0	Austria	79.12	5	8	15	26	12	12	5
13	16	+3	Ireland	77.87	22	1	1	18	20	14	33
14	13	-1	Belgium	77.12	11	22	13	10	37	13	21
15	14	-1	Norway	76.76	19	37	19	11	23	8	14
16	15	-1	Netherlands	75.09	17	26	20	6	47	15	18
17	17	0	U.K.	74.54	20	40	23	14	8	18	15
18	18	0	Australia	74.35	14	46	16	17	17	3	20

Fonte: Michelle Jamrisko e Wei Lu , The U.S. Drops Out of the Top 10 em Innovation Ranking, Bloomberg, 23 de Janeiro de 2018.

Discussão: A teoria do sistema mundo como uma ferramenta analítica

Como temos suposto desde o começo, este artigo pretende lançar luz sobre os conceitos de produtor, fornecedor e consumidor de segurança, e também enriquecer a taxonomia existente com novas noções que poderiam refletir propriamente a realidade do ambiente securitário contemporâneo.

Um breve olhar para a literatura reflete uma realidade surpreendente. O produtor de segurança e o consumidor de segurança possuem, de uma perspectiva semântica, **um status axiomático**. Especialistas das relações internacionais tem emprestado o significado do campo econômico sem refletir na apropriação do empréstimo e sem questionar a si mesmos: tem os leitores uma chave comum para entender tais conceitos na ausência de uma definição apropriada?

Nosso objetivo é compreender a noção de semi-periferia e aplicá-la no esquema produtor-fornecedor-consumidor securitário de acordo com a tríplique da teoria do sistema mundo: centro – semi-periferia - periferia.

Enquanto o realismo ou o liberalismo consideram o sistema internacional como um complementar, reunindo diversos Estados, a teoria do sistema mundo enfatiza as instituições políticas como uma resposta às dinâmicas sem fronteiras do capital:

A expansão implica seus próprios imperativos. A habilidade de gerar expansão é baseada tanto na habilidade de manter uma relativa coesão social interna (..) e nos arranjos que podem ser feitos como trabalho barato a uma longa distância...

Neste ponto, é importante formular a definição de segurança a qual pode satisfazer a filosofia no sistema mundo. Nesse sentido, propomos definir segurança de modo a enfatizar tanto as instituições políticas como as classes sócio-profissionais:

“Segurança é o estado de proteção que o indivíduo vive como resultado de uma relativa harmonia entre as classes sociais e a divisão do trabalho doméstica e internacional.”

Colorário : **“Segurança inter-estatal representa o estado de proteção que advém entre diversos Estados como resultado de uma divisão satisfatória no quesito de defesa.”**

* esta fórmula satisfaz o critério de legitimidade do qual Wallerstein falava. Em outras palavras, enquanto a desigualdade coletiva é suportável e implica certa satisfação para os de baixo, então as classes dominadas não se revoltarão, mas serão integradas dentro da divisão do trabalho. Divisão pode ser, como visto, tanto no nível doméstico quanto internacional. No segundo nível, uma aliança de ganhos mútuos é provável se os interesses nacionais dos atores envolvidos estão sincronizados.

Como afirmado acima, a superioridade da teoria do sistema mundo para as ideias da Escola de Copenhagen é que, enquanto a segunda fragmenta a realidade coletiva em diferentes dimensões, a primeira busca entendê-la de modo integrado. Logo, para Buzan e Weaver, e também Kenneth Waltz, as unidades do sistema internacional são equivalentes: todas são soberanas, clamam seu legítimo direito de uso da força para seus interesses, buscam segurança e prosperidade. De outro lado, a teoria do sistema mundo descreve as dinâmicas internas com as internacionais como marcos para o fluxo de capital.

Produtores e Consumidores de Segurança. Abordagem Conceitual.

No subcapítulo anterior, entendemos como a segurança pode ser definida como um ponto de encontro entre a sociologia, a economia e as relações internacionais. Além disso é importante analisar como um Estado ou suas elites dominantes localizam-se dentro do panorama de divisão securitária internacional. A avaliação possui muito em comum com a da empresa que

deve maximizar seus lucros por meio da entrada em certo nicho do mercado. Enquanto agentes econômicos tipicamente provêm bens e serviços para o dia-a-dia, do mesmo modo os Estados devem lucrar em termos de realização dos interesses nacionais os quais produzem sua sobrevivência. Tal entidade é ainda mais competitiva quanto mais pode ser garantida sua sobrevivência – beneficiários de sobrevivência significam indivíduos, grupos, bens materiais, patrimônio e valores culturais.

Tendo em mente a matriz de Wallerstein (centro, semi-periferia, periferia) e o fato que as noções listadas abaixo são relacionais (tem valor na interação com o outro), desenvolvemos a seguinte taxonomia baseadas em três critérios:

1. As fontes estatais alocadas para segurança,
2. A vontade do Estado,
3. A necessidade de segurança.

A. Produtor de segurança = é um Estado que possui os recursos necessários e a vontade de aumentar os graus de segurança de outro Estado ou Estados sem possuir necessidades básicas de segurança que não possam ser satisfeitas por si mesmo.

B. Fornecedor de segurança = é um Estado com necessidades securitárias que primeiramente possui a vontade e a possibilidade de mediar a relação entre um produtor de segurança e o ambiente que necessita de segurança.

C. Mediadores de segurança = é um subtipo do vendedor e é considerado um negociante verdadeiro que não provêm qualquer recurso securitário de fato, mas une produtores e consumidores, graças a seu prestígio na comunidade internacional.

D. Consumidor de segurança = representa um Estado que precisa do auxílio de outros para combater ameaças à sua própria segurança.

E. Estado periférico = refere-se àqueles Estados que não se encaixam em nenhuma das categorias acima. Aqui podemos concluir que os atores políticos do território liliputiano que não tomaram partido nas tensões atuais, a balança de poder, intervenções humanitárias ou transferência de armas. Seus status não devem ser vistos como imutáveis, visto que podem mudar.

• Por meio dos “recursos necessários” entendemos uma série de fatores institucionais, financeiros, tecnológicos, demográficos e geográficos que são necessários para atingir o interesse nacional.

•• É importante sublinhar que o status de um produtor securitário não significa que o ator político é invulnerável (ex. os ataques terroristas de 11 de Setembro nos Estados Unidos e aqueles na Federação Russa, França e no

Reino Unido). Nosso sintagma <necessidades securitárias básicas> deve ser lido em termos de que o país não pode ser subordinado por outro Estado ou ator não-estatal sem que o infrator sofra uma retaliação maçã. Este é o caso dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança da das Nações Unidas que possuem arsenais nucleares (e, eventualmente, Israel e Índia).

A taxonomia descrita pode ser ilustrada conforme a tabela abaixo:

Categoria	PIB/capita 1981 (dólares)	Número de Es- tados	Porcentagem da população mundial
I	Menos de 800	50	58
I/II	800-1.500	19	5
II	1.500-4.500	31	20
II/III	4.500-9.000	10	3
III	Mais de 9.000	19	14

Estudos de Caso para Discussão

Uma vez que os guias metodológicos estão desenhados, nós iremos ver agora como os atores políticos do mundo se integram na matriz proposta. Cada categoria na tabela será exemplificada.

Note bem: nós não devemos deduzir que os atributos de produtor de segurança são uma característica intrínseca do Estado. Esta possui valor somente em uma relação. Obviamente, pode ser argumentado que Estados do centro, possuindo os maiores níveis de PIB, grandes orçamentos de defesa, baixo índice de corrupção, alta inovação tem a propensão a estar mais frequentemente na posição de produtor de segurança, mas esta equação não é sempre válida. Por exemplo, podemos fazer referência aos esforços dos americanos em substituir o A10 Thunderbird, o qual está em uso há quarenta anos. Uma solução poderia ser sua mudança com o novo F-35. Outra seria comprar o Supertucano da empresa brasileira Embraer. A segunda escolha seria fazer Brasília uma produtora de segurança para os Estados Unidos. É claro, não estamos na posição de ler esta relação em termos comerciais. Não

é sobre vender e comprar mas é sobre uma relação complexa e acordos entre alianças – é por isso que devemos entender esta como uma situação de produtor de segurança.

A relação fornecedores de segurança – consumidor de segurança. Um bom exemplo será a relação entre o Japão e os Estados Unidos após 1945, quando Washington foi quem assegurou a proteção do Japão de um ponto de vista securitário, enquanto a antiga nação imperialista tinha sido banida de investir em defesa; ainda de uma perspectiva financeira, o Japão ajudou na primeira Guerra do Golfo com seus bancos. Portanto, os Estados Unidos ocuparam o papel de fornecedor securitário em uma dimensão militar, enquanto o Japão tornou-se um fornecedor securitário para os Estados Unidos em uma dimensão econômica.

Tóquio também assumiu o papel de um dos mais substanciais doadores internacionais, com o Japão contribuindo \$5 bilhões para a reconstrução do Iraque até 2013 (Kohno 1999, Lincoln 2003, Matsunaga 2013)⁸. É dessa forma que o Japão praticou consistentemente o status de um fornecedor de segurança econômica. O contraste entre o enorme potencial financeiro e tecnológico japonês e suas capacidades bélicas foram condensadas na expressão ‘Japão um anão militar e um gigante econômico (Brînză 2012, Vişniec 2015), mas esta frase está prestes a tornar-se história. Nos últimos anos tem sido discutido e escrito sobre a remilitarização do país do sol nascente. O primeiro-ministro Shinzo Abe direciona o país para um status militar capaz de desencorajar o que é percebido como a interferência da China e da Coreia do Norte (Stratfor 2007, Jacoby 2014, Chellaney 2015, Wright 2016, Ion 2016, Jennings 2017, Orchard 2017). Estamos presenciando um processo de transformação da monarquia no nordeste asiático para um fornecedor securitário econômico em um potencial produtor securitário militar – mais um motivo para assumir que a riqueza de um país ajuda a prever suas capacidades securitárias.

Além disso, ainda permanece em discussão até que ponto a diáde Washington-Tokyo ainda concretiza uma relação de ganhos mútuos visto os últimos protestos de rua que tem demandado o desmantelamento das bases militares dos Estados Unidos, começando pela base de Okinawa (BBC News 2016).

A relação produtor de segurança – consumidor de segurança. Outro exemplo interessante reúne os Estados Unidos e a Arábia Saudita. De um

⁸ Calculando o custo da Guerra do Golfo. (15 de Março de 1991). CQ Researcher, 1, 145-155. Retirado da <http://library.cqpress.com/>.

ponto de vista energético, a nação saudita é um produtor securitário energético em nível mundial, com a habilidade de influenciar o mercado petrolífero, como fez no começo dos anos 1970. De um ponto de vista militar, Riad manifesta um interesse especial em adquirir armamentos americanos, possuindo o status de consumidor semi-periférico ou ainda de negociante securitário no caso das intervenções americanas na região (operações contra Saddam Hussein (1990, 2003) começaram a partir do território saudita). Ultimamente, o Estado monárquico está tentando mover-se para um novo nível, aquele de produtor securitário militar. Em maio de 2017, o fundo de investimento público do país anunciou a criação de uma companhia estatal de armamentos com o capital inicial de 14 bilhões de riyals (3.7 bilhões de dólares) a qual irá oferecer 40,000 postos de trabalho até 2030⁹. A nova companhia será chamada de Indústrias Militares da Arábia Saudita (SAMI em inglês) e espera criar uma constelação de novas empresas dependentes. Como parte da visão Arábia Saudita 2030, o príncipe e também o ministro da Defesa Mohammed Bin Salman anunciaram um adicional de 6 bilhões de riyals que será investido em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias (Renton 2017).

Um potencial produtor de segurança torna-se um consumidor securitário. A terceira díade refere-se à confluência da economia política com a segurança dentro da relação União Europeia-OTAN. Um lembrete do que são práticas mal executadas significam é o comportamento da Grécia. Possuindo uma economia baseada no turismo, a Grécia passou a possuir um comportamento econômico insustentável depois dos anos 2000. Por muitos anos a Grécia tem sido um dos maiores importadores de armas do mundo: em 2008 as importações gregas representaram 3% da importação global no mercado bélico enquanto a China 4%!¹⁰ – enquanto as tropas gregas participaram de missões usuais dentro das Aliança norte-atlântica ou das Nações Unidas¹¹. Veja abaixo a média dos gastos militares da Grécia, Turquia e da OTAN entre os anos 1990-2009:

9 ATUALIZAÇÃO - Saudi Arabia launches military industries company, Reuters, 17 de Maio de 2017. Saudi Arabia launches national state company for military industries, Al Arabiya English, 18 de Maio de 2017

10 Tipping Point North South, [https://tippingpointnorthsouth.org/5percent/report-5percent/appendix/..](https://tippingpointnorthsouth.org/5percent/report-5percent/appendix/)

11 Para uma análise sobre a correlação entre os gastos militares da Grécia e seus impactos na economia: Emmanuel Athanassiou, Christos Kollias, Eftychia Nikolaidou, Stavros Zografakis, “Greece: Military Expenditure, Economic Growth and the Opportunity Cost of Defence”, 2002, <https://pdfs.semanticscholar.org/7549/30f190905e352abeb2a33ddf2a7d3c5baa02.pdf>, DOI: 10.1057/9780230501256_14.

	Greece	Turkey	NATO European	NATO Total
1990-94	3.6	3.7	2.6	3.5
1995	3.2	3.9	2.3	3
1996	3.2	4.1	2.2	2.8
1997	3.2	4.1	2.2	2.7
1998	3.1	3.2	2.1	2.6
1999	3.1	3.98	2.1	2.6
2000	3.3	3.74	2.1	2.5
2009	3.1	3.2	2.1	2.4

Fonte: Ministério da Economia e Finanças Nacionais/SIPRI apud: Pappas, D., Richer, C. e Pappas, A. 2016. Military Spending and economic growth in Greece and the arms race between Greece and Turkey, *Journal of Economic Library* 3 (1), pp.38-56, esp. p.40.

Depois do despertar da crise, França e Alemanha têm condicionado o dinheiro à Grécia para a compra de equipamentos militares caros de suas indústrias (Taylor 2010, Tatje 2012, Waterfield 2012). Então temos a história do comportamento arriscado de uma nação semi-periférica que, em uma tentativa de tornar-se um produtor securitário militar, tem se tornado em um consumidor securitário, o qual coloca em perigo a solvência nacional. Ao mesmo tempo, críticos poderiam apontar Paris e Berlim, os quais têm colocado seus próprios interesses acima da União Europeia como um todo.

Fornecedores de segurança. No campo da segurança militar, a aeronave de combate F-16, produzida pelos Estados Unidos, foi comprada pela Romênia, mas não diretamente pelos parceiros estratégicos, dos americanos, mas pelos portugueses os quais já têm usado estas aeronaves. Portanto, Lisboa assumiu o papel de fornecedor entre Washington e Bucareste (Tudor 2017, Reuters 2016).

Negociantes de segurança. Em nível internacional, há casos muito difíceis, como as guerras civis. Embora sejam locais, estas terminam chamando a atenção da opinião pública. De importância particular para resolver esses dossiês estão certos tipos de países que assumem o papel de negociantes, Estados honestos facilmente aceitos como juízes. Os negociantes podem ser grandes potências ou Estados pobres.

Um exemplo são os países nórdicos, os quais são modelos de prosperidade e respeito aos direitos humanos que tem assumido com seriedade a postura de bons samaritanos, para citar o título do livro de Alyson Brysk (Brysk

2009). A Noruega envolveu-se na guerra civil do Sri Lanka: a oposição da maioria Sinhalez contra a minoria Tamil, o conflito inter-étnico no Sri Lanka (1983-2009) durou uma geração inteira. O envolvimento do mediador levou a um acordo de cessar-fogo (Fevereiro de 2002) e a comunicação de Oslo (Dezembro de 2002) que explorou a ideia de uma divisão federal da ilha. A falha da mediação norueguesa pode ser interpretada de acordo com nossos critérios como um exemplo de quando um ator político não necessariamente possui os recursos para parar um conflito, mas possui a vontade para mudar uma crise. Ser um mediador honesto, mas um mediador desarmado, pode ser, ou não, uma vantagem (Al Jazeera 2009, Dayaratn 2011, Molakkattu 2005, Norad 2011, Sørnbø 2009).

Outro exemplo significativo envolve o comportamento da Romênia após a invasão da Tchecoslováquia em agosto de 1968, quando Nicolae Ceausescu pensou em tirar vantagens dos eventos internacionais que partiam de Moscou para buscar novos aliados. Observando a disputa sino-soviética e as tentativas americanas de estar em bons termos com Pequim, Ceausescu e a diplomacia de Bucareste ofereceram-se para intermediar os dois pólos de poder. Além do prestígio externo, Bucareste considerava dois objetivos a) a amizade com os Estados Unidos e b) obter tecnologia nuclear.

A diáde analisada cumpre todos os critérios: a Romênia comunista estava desenvolvendo um Estado e tornando-se um mediador nos assuntos de segurança entre dois gigantes geopolíticos. Comparado com o conflito no Vietnã, Bucareste auxiliou a alcançar um acordo de paz entre os Estados Unidos e o Vietnã do Norte. Ao mesmo tempo, esperava obter como recompensa o status de consumidor securitário da tecnologia nuclear americana, inicialmente para propósitos civis e depois disso para a defesa. Se o país tivesse gerenciado a fabricação de uma arma nuclear, então a Romênia poderia ter aumentado seu status dentro do Pacto de Varsóvia e na região, tornando-se talvez um produtor securitário para os países menores que gostariam de afastar-se de Moscou.

Estados periféricos/neutros. A neutralidade pode ser objetivo de discussões férteis, especialmente porque os Estados podem ser classificados em diversas categorias. À primeira vista, desempenham o papel de zero entre os números naturais, mas sua existência não pode ser definida como uma negação.

Uma nação pode ter o papel de Estado periférico por vários motivos:

- Isolou-se completamente do mundo: a China após a expedição do Almirante Zheng no século XV ou os Shoguns do Japão até serem forçados a

abrir-se para o mundo após 1854;

- O estágio de seu desenvolvimento não é de interesse para as dinâmicas do restante da comunidade internacional: áreas muito pobres que não participaram no jogo do capitalismo e colonialismo (diferentes regiões na África, América do Sul, os Ameríndios ou as tribos australianas até serem descobertas pelos britânicos). Após o século XIX essas regiões serão integradas no sistema mundial. Hoje podemos falar de comunidades tribais isoladas, que são objeto mais da antropologia do que da ciência política;

- Já está em uma aliança, mas por algum motivo decide manter um perfil mais baixo e insignificante: aquelas nações cujos governos não participam nas decisões tomadas dentro dos panoramas em que estão localizados. Podemos encontrar exemplos dos países da OTAN ou Nações Unidas que não tomam partido em posições repetidamente, não formulam interpelações, não participam em políticas comuns, entre outros. No universo contemporâneo globalizado tais atores são difíceis de encontrar – até mesmo os Estados liliputianos do mundo pode assumir um importante papel tanto pelo fato de serem paraísos fiscais ou refúgio para criminosos conhecidos. Talvez a Suíça possa ser um exemplo uma vez que devido aos recursos financeiros que detém, tem conseguido obter um status de neutralidade permanente.

Considerações Finais

O ímpeto para escrever este artigo vem da insatisfação dos dois autores sobre a imprecisão e por vezes o uso abusivo de alguns termos, encontrados em suas leituras da imprensa e atividades didáticas. A generalização de termos como liberdade, democracia, segurança, entre outros, tem levado à comercialização de suas denotações, ou, simplesmente dito, a uma situação de anarquia conceitual na qual cada indivíduo os usa da maneira como os bem entender. Este é o caso da díade produtor de segurança – consumidor de segurança. Tanto na linguagem acadêmica como jornalística, análises frias ou discursos políticos usam-nos assumindo que suas definições já não são necessárias. Os problemas aparecem quando os dois termos são usados para estudos de caso específicos e ainda para decisões políticas; sem uma definição prévia não é possível explicar ou compreender como um mesmo país pode ser ao mesmo tempo produtor, fornecedor e consumidor

Tentando unir literaturas da sociologia, economia e relações internacionais, nosso estudo sintetizou algumas definições sobre os termos acima.

Acreditamos que o papel deste artigo é dual:

1) trazer maior clareza conceitual para a temática;

2) usar uma matriz teórica mais rara, nomeadamente uma versão modificada do sistema mundo de Wallerstein, ao invés da Escola da Copenhague de Buzan e Weaver. Em nosso argumento, a teoria do sistema mundo possui uma funcionalidade superior porque considera os Estados como parte de uma divisão internacional.

A parte teórica foi seguida de diversos estudos de caso que ilustravam a taxonomia já mencionada. Os próprios autores vêem a possibilidade de desenvolver a terminologia proposta por meio da construção de um índice que mede os benefícios de uma relação. Reunindo dados sobre a economia, demografia e recursos de dois Estados que querem desenvolver um vínculo de segurança (como produtores, mediadores, fornecedores, consumidores, etc.), o índice em questão poderia predizer se tal aliança funcionaria como um jogo de soma positiva ganho-ganho ou de soma zero.

REFERÊNCIAS

- Al Jazeera. Sri Lanka ends Norway peace role. 14 Apr 2009.
- Almeida, Teresa. (2017). "Peacebuilding: assumptions, practices and critiques". JANUS.NET e-journal of International Relations, Vol.8, Nº1, May -October 2017.
- Anderson, Lisa. Demystifying the Arab Spring. Parsing the Differences Between Tunisia, Egypt, and Libya, Foreign Affairs, May/June 2011.
- Bai, Jie; Jayachandran, Seema; Malesky, Edmund J.; Olken, Benjamin A. Does Economic Growth Reduce Corruption? Theory and Evidence from Vietnam, October 28, 2014, <https://www.aeaweb.org/conference/2015/retrieve.php?pdfid=186> (accesat 29 ian 2018).
- Beissinger, M., Jamal, A. and Mazur, K. (2012). 'Who Participated in the Arab Spring? A Comparison of Egyptian and Tunisian Revolutions'. APSA 2012 Annual Meeting Paper. <http://www.princeton.edu/~mbeissin/beissinger.tunisiaegyptcoalitions.pdf> ;
- Braudel, Fernand. *Timpul lumii*, Vol. I, Editura Meridiane, Bucuresti, 1989, p.19.
- Brînză, Andreea Cristina. Japônia: un pitic geopolitic sau un gigant internațional? *Geopolitics*, 12/06/2012.
- Brysk, Alison. *Global Good Samaritans: Human Rights as Foreign Policy*, Oxford University Press, Oxford, 2009.
- Chase-Dunn, Christopher. Continuities and transformations in the evolution of world-systems: Terminal crisis or a new systemic cycle of accumulation? Keynote address to be presented at the Vth Brazilian Colloquium of PEWS, State University of Campinas (UNICAMP), August 8-9, 2011. Conference theme: "The Contemporary Capitalist World-Economy: Terminal Crisis or Hegemo-

nic Transition?”.

- Chellaney, Brahma. Why Japan Should Rearm, Project-Syndicate, Oct 19, 2015.
- Correa, J. C. & Jaffe, K. (2015). Corruption and Wealth: Unveiling a National Prosperity Syndrome in Europe. *Journal of Economics and Development Studies*, 3.(3), 43 – 59.
- Dayaratne, Hemantha. An appraisal of Norway’s Role in Sri Lanka, IDSA Comment, February 03, 2011.
- Dungaciu, Dan. Securitate, relații internaționale și studii de securitate, *Rev. Șt. Pol. Rel. Int.*, IX,4, pp.5-15, București, 2012, <http://revista.ispri.ro/wp-content/uploads/2012/12/5-15-Dan-Dungaciu.pdf> (accesat 28 ian 2018, ora 22:30).
- Farooq, Sadaf; Bukhari, Saiqa; Ahmed, Manzoor . Arab Spring and the Theory of Relative Deprivation, *International Journal of Business and Social Science*, Vol. 8, No. 1; January 2017.
- Farzanegan, Mohammad Reza. Can we predict political uprisings? *The Conversation*, June 16, 2017.
- Galtung, Johan, Dietrich Fischer, Johan Galtung: Pioneer of Peace Research, Springer, 2013.
- Galtung, Johan. A Structural Theory of Imperialism, *Journal of Peace Research*, Vol. 8, No. 2 (1971), pp. 81-117.
- Galtung, Johan. Violence, Peace, and Peace Research, *Journal of Peace Research*, Vol. 6, No. 3 (1969), pp. 167-191.
- Idris, I. (2016). Analysis of the Arab Spring (GSDRC Helpdesk Research Report 1350). Birmingham, UK: GSDRC, University of Birmingham.
- Ion, Mădălina. Abe obține majoritatea dorită în alegerile din Japonia, *RISAP*, 13 iulie 2016.
- Jacoby, Jeff . Japan needs military options, *Boston Globe*, May 07, 2014.
- Jennings, Ralph. Japan Has Ambitious Plans To Be Asia’s Next Superpower, Thanks To China, *Forbes*, Mar 22, 2017.
- Kenneth N.Waltz, Teoria politicii internaționale, Polirom, Iași, 2006, p.150.
- Kohno, Masaharu. In Search of Proactive Diplomacy: Increasing Japan’s International Role in the 1990s, Brookings Institute, September 1, 1999.
- Lincoln, Edward J.. Japan: Using Power Narrowly, *The Washington Quarterly*, 2003, 27:1 pp. 111–127.
- Makinda, Samuel M. Cooperation and Conflict, 2000, vol. 35(2): 205–216, esp. p.206.
- Martins, José Ricardo. Immanuel Wallerstein e o sistema-mundo: uma teoria ainda atual? *Iberoamerica social, Revista-red de estudios sociales*, 30 noviembre, 2015.
- Matsunaga, Hideki. A decade since the start of the Iraq War: Japan carved in Iraqi people’s heart, JICA- Japan International Cooperation Agency, March 19, 2013
- Molakkattu, John Stephen. Pentru diferite puncte de vedere despre implicare și obsta-

- colele intâlnite de Norvegia în procesul de pace srilankez vezi. Peace Facilitation by Small States Norway in Sri Lanka, *Cooperation and Conflict: Journal of the Nordic International Studies Association*, Vol. 40(4): 385–402. 2005.
- Norad. Norwegian Agency for Development Cooperation, 2011. Could Norway have stopped the war in Sri Lanka? NORAD, <https://www.norad.no/en/front/about-norad/news/could-norway-have-stopped-the-war-in-sri-lanka/>.
- Orchard, Phillip. Slowly but Surely, Japan's Military Prowess Grows, *Geopolitical Futures*, Aug. 11, 2017.
- Renton, Constance. Saudi Arabia Launches Arms Manufacturing Company SAMI, *Morocco World News*, May 17, 2017.
- Reuters. Romania receives first F16 jets to replace obsolete MiGs, *Reuters*, October 7, 2016.
- Ruvalcaba, Daniel Efren Morales. Inside the BRIC: Analysis of the semiperipherals character of Brazil, Russia, India and China, *Austral: Brazilian Journal of Strategy and International Relations*, Vol.2, No.4, Joule-Dec. 2011, pp.141-173, esp. p.146.
- Sil, Rudra; Katzenstein, Peter J. *Beyond Paradigms: Analytic Eclecticism in the Study of World Politics*, Palgrave, 2010, pp.14-17.
- Sil, Rudra; Katzenstein, Peter J.. *Analytic Eclecticism in the Study of World Politics: Reconfiguring Problems and Mechanisms across Research Traditions, Perspectives on Politics* (2010), 8: 411-431.
- Sørbø, Gunnar. Jonathan Goodhand, Bart Klem, Ada Elisabeth Nissen, Hilde Selbervik, *Pawns of Peace – Evaluation of Norwegian peace efforts in Sri Lanka*, 1997-2009.
- Stratfor. Japan: Adjusting with the U.S. to the New World Order, *Stratfor, Assessment*, 31 October 31, 2007.
- Tatje, Claas. Greece still splashes out billions on defence, *Vox Europ*, Translated from the German by Anton Baer, 11 January 2012.
- Taylor, Paul. Broke? Buy a few warships, France tells Greece, *Reuters*, 23 March 2010.
- Tudor, Radu.. Romania looks to buy 20 more F-16s, *Jane's Defence Weekly*, 14 March 2017.
- Vişniec, Matei. Vizită istorică a premierului japonez în Statele Unite, *RFI*, 28 aprilie 2015
- Wallerstein, Immanuel. *World-systems analysis. An introduction*, Duke University Press, London, 2004, p.56
- Waterfield, Bruno. EU accused of hypocrisy for £1 billion in arms sales to Greece, *The Telegraph*, 08 Mar 2012
- Whitehead, James. *Peace Studies: An Alternative Perspective on International Security*, E-International Relations Students, Aug 30, 2013.

RESUMO

Este artigo tem como objetivo contribuir para o esclarecimento teórico de alguns termos largamente utilizados pela literatura acadêmica assim como em declarações públicas feitas por políticos, autoridades, grupos midiáticos, mas que são insuficientemente explicados, que são os produtores e consumidores de segurança. Embora frequentemente presentes, nem mesmo a literatura da ciência política nem das relações internacionais dá conta destas questões deixando, portanto, os acadêmicos incapazes de compreender a complexidade da posição inter-estatal.

PALAVRAS-CHAVE

Provedor de Segurança; Consumidor de Segurança; Romênia.

Recebido em 17 de dezembro de 2018.

Aprovado em 26 de março de 2019.

Traduzido por Cecília Maieron Pereira